

# FANTOCHES



## SUMMARIO

MEUS SENHORES APARECEU O HOMEM — A BELIXA E OS ESTADISTAS VIOLENTOS — UMA CATEGORIA DE MINISTRO HA 72 ANOS — COSTA DE ALGODÃO — COSTA DE CÉIX — A VALENTIA DE UM POLÍTICO — O COQUE 44 E O CONDE DE SANTA MARIA.

ESPIADAS QUE PARECEM CAPETOS DE COZINHA — COMO O MUNDO TRATAVA O SR. FERREIRA DO AMARAL — P'RA FRENTE! GRITO DEBILDO.

TODOS CONTRA O GOVERNO — A VOZ DAS PROVÍNCIAS — Os GARRAÍAS E OS PARDIAIS — AFFONSO COSTA E O FRIO — MEUS SENHORES NÃO APARECEU O HOMEM.

N.º 2

Preço avulso 20 réis

Numeroz atrasados 40 réis

Lisboa 20 de janeiro de 1914

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao **DIRECTOR** e **EDITOR Rocha Martins**

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO  
**LIVRARIA VENTURA ABRANTES**  
80, Rua do Alecrim, 82 — LISBOA

Propriedade da empresa dos «FANTOCHES»

Composto e Impresso na **IMPRENSA PROGRESSO**  
Calleada S. Francisco, 23 — Lisboa

Rocha Martins

N.º 2

# FANTOCHES

Notas semanaes sobre os acontecimentos  
políticos

20 de Janeiro de 1914

## SUMMARIO

MEUS SENHORES APARECEU O HOMEM — A BEIRA E OS  
ESTADISTAS VIOLENTOS — UMA CADEIRA DE MINISTRO HA 72  
ANNOS — COSTA DE ALGODRES — COSTA DE CEIA — A VA-  
LIENTIA D'UM POLITICO — O COUPE 44 E O CONDE DE SANTA  
MARIA.

\*

ESPADAS QUE PARECEM ESPETOS DE COSINHA — COMO O MUN-  
DO TRATAVA O SR. FERREIRA DO AMARAL — P'RA FRENTE!  
GRITO BEIRÃO.

\*

TODOS CONTRA O GOVERNO — A VOZ DAS PROVINCIAS — OS  
CABRAES E OS PARDAES, AFFONSO COSTA E FRIO — MEUS SE-  
NHORES NÃO APARECEU O HOMEM.

*Director e Editor — ROCHA MARTINS*

Propriedade da empresa dos Fantochoes

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO LIVRARIA VENTURA ABRANTES  
*Rua do Alecrim, 80 e 82 — Lisboa*

Composto e impresso na IMPRENSA PROGRESSO  
Calçada S. Francisco, 23, Lisboa

Pavlovsky, n.º 2, 20-V-1914

Afonso Costa, o Costa Cabral da  
República  
pt. 3-15

(...)

Afinal appareceu um *homem* capaz de metter hombros á demorada, á dramatica e triste historia da renovação de Portugal. Baixo, macilento, vulgar d'aspecto, tem no olhar e no sorriso um não sei de quê de falso. [A *esperteza* sempre foi condão de lettrados e judeus] A testa breve, sem nobreza, o cabello corredio, tudo regular como se diz nos passaportes. Brillam-lhe os olhos como carbunculos, gesticula e grita a ponto d'enrouquecer. E' um temporal cada um dos seus discursos mas para poder ser inteiramente forte deveria poder encobrir melhor a sua força. A sua voz sóa falsa sem expontaneidade nem fluencia. E' necessario irritar-se para ser eloquente, não tendo correcção nem elegancia no dizer mas apenas virulencia. Mudou de situação mas a falla, o gesto, a oração são os proprios do antigo demagogo.

Esse fraco da irascibilidade, da ardencia no ataque, da violencia das respostas, do plebeismo da phrase, esse fraco importante em qualquer camara, não o é tanto na portugueza pouco habituada a obedeecer á authority moral do saber, ao prestigio do talento. Salvo raros momentos em que o portuguez meridional se deixa embalar pela musica d'algun orador poeta, salvo esses momentos, breves, apagadas essas impressões, mais estheticas do que moraes ou intellectuaes, o temperamento chão e violento leva a melhor e a Camara parece uma banca de club revolucionario estando-se, como na rua, jogando o lodo e as pedras da calçada.

Pensar-se-ha que estamos fazendo o retrato do sr. Affonso Costa, pintando o nosso tempo e o nosso parlamento. Não. Falta ali alguma cousa: as cômmas indicadoras da prosa alheia. Mudamos-lhe tambem um pouco o tempo dos verbos. O *homem* é Costa Cabral; a epocha 1842; o parlamento o d'esse periodo. Assim o mostrou Oliveira Martins atravez do testemunho de Lichnowisky, um observador e das paginas da historia contemporanea do estadista; um *cliché*.

Nós jámais nos atreveriamos a italisar a palavra homem referindo-nos áquelle, que exactamente como o outro, se julga o continuador da

obra de Pombal e que ainda como elle paira n'uma mentira de reorganisação e tem estabelecida a rede da espionagem politica com a *formiga branca*, successora dos sagiões e dos secretas.

Mas então já não são apenas litterarios os pontos de contacto entre esses dois homens que setenta e dois annos separam no mesmo gabinete do Terreiro do Paço? Nascido em Fornos d'Algodres, a trinta e cinco kilometros da Guarda, um, Costa Cabral; em Ceia, a sessenta e oito kilometros d'aquella cidade, o outro, Affonso Costa, ambos, tem da Beira a rudeza abrupta dos seus montes, a maxilla ameaçadora dos seus mollossos, a ancia arrebatadora de varrer feiras dos seus patricios. Ambos nos bancos polidos da universidade, feitos ainda com a madeira do pinhal de Leiria, das eras de D. Diniz, leram as sebetas e refrearam nas almas de filhos de pobres as ancias ambiciosas de chegar; ambos tiveram a mesma intuição: a rua. O sr. Affonso Costa é um *pastiche* serodio do seu comprovinciano.

Costa Cabral em novo era um avançado. No *Club do Arsenal* discutia com os carpinteiros da Ribeira e com o philantropo Formiga (ha nomes perpetuados em tempos que se assemelham) as bellezas da democracia e, todo contumelias para a soberania popular, o jacobino d'Algodres, ia dizer no Congresso da necessidade de haver só uma camara e nem sombra de peias á liberdade d'imprensa. Mais tarde, no *Club dos Camillos*, pedia a cabeça da rainha como se para a sua fome de plebeu aquellas gordas faces de mulher, aquelle pescoço curto, os olhos azues, os cabellos louros onde assentava o diadema fossem o seu unico querido e delicado manjar. Era como se vê um irreverente a chocar um despota.

N'aquella barafunda de romanticos elle tallharia o seu logar de pratico. Entretanto ia vivendo embriagado na aura popular que sempre dourou as fronte dos audaciosos, mais superficiaes que sabedores, mais reflexivos que promptos ao impulso, mais atilados do que brilhantes.

Monsinho, o solitario, desilludira-se antes de morrer. Manuel Passos chorava a liberdade postergada, orvalhando de lagrimas o rosto da filhinha, José Estevão «esse unico *tenor* sincero das aspirações populares» continuava a julgar-se um Danton enquanto Costa Cabral se ia desenrolando pouco a pouco da sua toga de Robespierre sorrindo já habilmente dos exaltados que rethoricamente, de punhal na mão, ameaçavam medir as distancias do Caes do Tojo onde peroravam ás Necessidades onde D. Maria II chorava. Os outros tinham, e elles mesmos, que se affastar para abrirem fileiras á rajada da sua ambição.

•

O sr. dr. Affonso Costa foi tambem um terrivel demagogo. A sua voz cortava nervosamente como uma faca, irritadamente como uma

serra em zinco á idéa da realeza, d'esses privilegiados que nasciam em palacios, tinham antepassados e cujo chefes dispunham do Poder, d'essa cousa ambicionada nos seus sonhos em Coimbra quando o classificavam mal, na sua banca d'advogado de começos difficeis, depois pela vida fóra com a teima testada de beirão como o outro, o *grande parvenu* de Fornos d'Algodres. E pouco a pouco a rua sempre rebelde, sempre excitada, esquecida porque os paes não escrevem as suas Memorias para os filhos, fez d'elle o seu idolo maior; a Maçonaria, como o *Club dos Camillos* com Costa Cabral, sentiu-lhe a alma vibrante d'um romano ou d'um homem da revolução franceza. N'aquelle cubiculo negro da entrada, onde a caveira esgarça a dentuça n'um riso desbotado que é ironia, podiam escolher á sua vontade a toga de Scylla, a casaca de Robespierre ou o lençol de Marat.

O feitio subalterno d'este povo mais uma vez se accentuou ao ouvil-o e ás suas grandes palavras de Patria e Revolução.

As Necessidades, alvo do ambicioso de Fornos d'Algodres, foram tambem o do outro beirão com a differença que um, na sua epoca vendo a ephemeridade dos liberalismos á solta, amedrontava para lhe perguntarem a razão dos seus berros; o outro, sentindo o seu tempo, ameaçava para fazer trambulhar os reis mas não o julgando possivel, sendo, porém, tambem um soberano: o da rua. A elle podia-se perguntar como D. Fernando a Passos Manuel: Senhor Affonso Costa como vão os seus subditos de Lisboa?! . . .

E isto seria a caricia mais querida da sua vaidade ambiciosa.

Se a republica se fizesse elle seria um chefe como o outro com o liberalismo. E em volta, como então, emquanto Basilio, um solitario igual a Mousinho, buscava construir, andavam romanticos e lyricos rouxinoes trinando pelas praças, desembainhando os seus tropos como nos *Camillos* se desembainhavam os punhaes. Ritornellos d'operas antigas! Assim, como succedera com o seu patricio, elles teriam que se affastar ante a sua ambição febril se acaso o gallo da victoria se tornasse em origem da mais succulenta canja.

O sr. Affonso Costa é um *pastiche* do estadista de D. Maria II.

Quando a sua ancia de saudações, a sua vaidade e a sua politica o faziam mover mais este ia ao Porto e era recebido entre palmas e vivas no caminho da igreja da Lapa, onde, apesar de jacobino, ajoelhava. Aquelle em vez de resar tinha uma imprecação, em vez da missa um comicio, mas lá estavam tambem por toda a parte as aclamações e os delirios.

Uma revolução atirou o jacobino beirão da rua para o ministerio do reino, outra levou o sr. Affonso Costa da barricada theorica para o da justiça. Ambos tiveram nos acontecimentos do seu tempo parte igual.

Costa Cabral conspirou para restaurar a Carta; Affonso Costa para implantar a republica. As epochas no emtanto differem e emquanto o futuro marquez de Thomar se rebellava para servir a monarchia nas suas ambições de força, o outro, o futuro presidente do conselho, revoltava-se para assegurar tambem ao seu partido eguaes ambições. Um foi um Monck; o outro quasi um Cromwell. A historia está ainda por documentar.

O beirão de barba á passa-piolho de 1842 teve porém visão diversa, emquanto á acção, do beirão barbado de 1910. Por um álgido fevereiro em que o Douro transbordara a divisão do general Santa Maria descia do Porto para Coimbra e entre aquelle estado-maior, molhado até aos ossos, Costa Cabral lá vinha batendo o queixo e de pistola nos coldres.

Lisboa armava o seu povolen contra esse bando que via os generaes sem prestigio como amarrados ao seu passado de fusiladores e o beirão rangendo os dentes dizia ao commandante Santa Maria que partisse para a capital. O outro percebia-lhe a intenção de florear á frente das suas tropas e dizia-lhe que não queria fazer ministros.

Elle veio só e teve uma ovação. E — dil-o a historia — cinco dias depois era ministro do reino, posto eminente para organizar o *seu partido*, instrumento d'um systema novo d'um liberalismo ao avêssô. O actual presidente do conselho não incitou soldados emquanto a revolução se republicana se agitava fremente nas ruas e os tiros se disparavam. O outro queria conquistar uma cidade; este estava n'uma cidade conquistada que atravessava n'um *coupé* de cortinas corridas até Alcântara para voltar ao Hotel Central, pallido, agitado, a perguntar se estava ferido por entre o sorriso e a satyra bohemia do dr. Malva do Valle.

Depois desapareceu emquanto mais se adensava o fumo da artilharia da Rotunda e dos navios até que, conseguida a victoria, um automovel o trouxe do seu refugio d'Algós, diante do qual um vaporsinho noite e dia resfolegara de caldeiras accesas, para o ministerio. Costa Cabral viu os soldados bellicosos, o sr. Affonso Costa viu-os de bandeiras do Grandella n'uma mão e de foguetes na outra. Soara já a hora da victoria. Machado Santos, menos cruel que Santa Maria, não se importou de fazer ministros.

E — dil-o a Historia — cinco horas depois tinha o sr. Affonso Costa a pasta da justiça, posto magnifico, para organizar o *seu partido*, tambem instrumento d'um systema novo de liberalismo ao avêssô.

O sr. Affonso Costa é um *pastiche* de Costa Cabral.

Nos ministerios a que Costa Cabral imprimiu essa feição propriamente *cabralista*, synonymo de violencias e ardis, á excepção do nobre

Terceira apenas anonymos, fantoches a que elle puxava os cordeis, se repotroavam nas cadeiras do poder. Eram Campello, Mello Carvalho, Tojal, Castro, Falcão, o visconde d'Algés. Só mais tarde levou para o seu lado o irmão, o José dos Conegos, mais pratico do que elle e revolucionario de sempre. Quando se installou no Terreiro do Paço e chamon as clientellas, ao distribuir o bodo foi dando ao mano um logar no Supremo Tribunal, foi collocando outros em volta como vedetas e tratou de montar a machina para as eleições nas quaes impediu o voto das plebes, apoiando-se n'aquelles a quem bradou: Enriquecei-vos!

Cabral, como todos os nossos politicos tinha um manequim francez: Guizot. E o seu mal foi exactamente applicar a um paiz sem condições de progressos rapidos o grande movimento da França onde o pé de meia recheado fez sempre milagres.

Na sua ancia de ganhar as eleições, de ter authoridades suas, gente do partido em toda a parte prendia quem não concordasse mesmo aos antigos ouvintes dos Camillos, amordaçava a imprensa, demittia dos logares os inimigos da sua politica emquanto ia fallando em riqueza publica, buscando converter a divida externa n'um typo unico de 4 por cento o tratava, ao que se propalava, de equilibrar o orçamento. Nunca a emissão do banco fóra tão larga. Passou de nove mil contos. Elle sentia-se bem por cima. Os seus amigos queimavam em volta o incenso da submissão: o paiz parecia paralyzado. E' que lhe tomara o pulso e sentira sob a manga o ferro uma algema a não deixar palpital-o. Elle lh'a puzera. Era o terror de uma aventura a que o portuguez prudentemente sempre se esquivava como se tivesse dentro as almas dos antepassados a contar-lhe as suas decepções. Então foi para diante. Tinha enfim a consciencia do Poder e sorria lembrando-se de que a seu lado estava a espada honrada de Terceira, o heroe, o qual nunca se tinha bandeado, de quem os proprios pamphletarios jámais murmuraram.

Para a frente! O rude beirão de Fornos ia para a frente!...

Tambem no ministerio a que o sr. Affonso Costa imprimiu a sua marca — o *affonsismo* — symbolo d'audacia e até certa ponte desdem — não ha uma grande figura. São os anonymos que as revistas do anno e os ataques dos jornaes popularisaram. O sr. Rodrigo Rodrigues, inhabil e illetrado, a quem está sujeita a imprensa; o sr. Sousa Junior, ministro da instrucção, celebrisado pelo ridículo decreto dos ratos e pelos famosos pensamentos com que matizou os livros dos lycceus; na marinha o sr. Freitas Ribeiro, capitão tenente, que chama garotos aos almirantes em plena camara, julgando-se em familia ou em mangas de camisa; é o sr. Bastos, na guerra, que manda por economia, illuminar os quarteis a

petroleo, nas colonias um que abre as portas d'Angola, e o sr. Macieira nos estrangeiros a tirocinar nas *gaffes* com o Brazil, na pratica do francez e na teima de não destruir a sua cabelleira de estudante quando as musas lhe deviam quadras como esta :

Redondinha como a mó  
 Vae a lua de viagem  
 O luar é guarda pó  
 E as estrellas a bagagem.

São emfim alguns bons rapazes da nossa mocidade, alguns ambiciosos banaes e no fundo uns subalternos sem autonomia promptos a serem dos estrangeiros ou do interior, da guerra ou do fomento no dia em que mestre Affonso queira mudar de pasta, podendo-se fazer a troca mesmo em rifa.

Chamando a si as clientellas foi distribuindo logo da primeira vez que entrou no ministerio as benesses p'los seus mais proximos e ao irmão dando — como Cabral ao José dos Conegos, revolucionario de 23 — um logar na justiça e uma cadeira no senado apesar de não ter a tradicção demagogica a ser na sua frente o symbolo do *talento* e da *pureza*. Outros receberam com essa loteria a sorte em cautellas, decimos e bilhetes, amannensados, consulados e pastas. Ao montar a machina eleitoral fez como o outro: supprimiu os analphabetos, as plebes ruins que mouream de sol a sol e andaram aos tiros na revolução. Apoiou-se então na turba ambiciosa e anodyna de militares, que não se bateram, com uma exceção, ou fugiram do combate de calças do avesso, em medicastros provincianos, em gente dependente a quem sorria a sorte abrindo-lhe horizontes tão largos que ao começo sentiu medo d'elles como d'un pelago ou como ao pisar pela primeira vez o tapete do Congresso, vermelho como o lago de sangue dos pobres invalidos da revolução que andam por ahí a esmolar-lhe as attenções.

Não fugiu tambem o sr. Affonso Costa á ancia de parodiar, de ter um manequim, além de Costa Cabral, e entrou ao pôr o pé no ministerio a arranjar leis pèrturbadoras como a da Separação — a origem da desordem — feitas de afogadilho como a da paternidade, inteiramente theorica; encommendadas, como a do divoreio tudo isto porque em França se fizera a Separação e havia o divoreio. Pela applicação a um paiz atrasado de leis d'outros sem se analysar o meio em que vão actuar, pelo figurino francez adoptado desde o *Salut e Fraternité* das proclamações ao balão á Chantilly da cavallaria, por essa copia a papel chimico



de decretos, gestos, uniformes e phrases é que nós nas mãos de todos os governos temos sido apenas o povo que macaqueou do francez coisas inadaptaveis exactamente como os negros do Haiti que adoptaram a calça vermelha e o capacete dos couraceiros dentro dos quaes vão morrendo de calor. Quando o Haiti em dias de revista, quer um exercito encontra seis mil negros feitos em unto.

Pois aqui com o servilismo das copias o unto tem alastrado e gerado nma nodoa enorme como um oceano. Depois como Costa Cabral, cuja varinha de condão procurava o equilibrio do orçamento, o sr. Affonso Costa começou a expellir *superavits* que para bem de todos, o Destino o queira, não sejam a mesma cousa exarada na historia financeira do *cabralismo*: «Uma amalgama de supposições de valores, tendo como realidade unica um vasio absoluto».

E' o sr. Affonso Costa uma copia do seu patricio Costa Cabral.

Como elle para ganhar as eleições arranjou authoridades suas e sempre que alguem se erguen a protestar contra o seu governo exerceu a represalia. Pelas colonias é o sr. Alfredo de Magalhães demittido, pela justiça o juiz sr. Castro posto na disponibilidade ou reformado; pela instrucção o professor sr. D. Luiz de Castro escorraçado, pelos estrangeiros o sr. Moreira d'Almeida, então simples jornalista d'oposição exonerado, e pelas finanças o sr. Goulart de Medeiros e Fernandes Costa fóra o resto porque fallaram alto.

E sempre que alguem, soldado da revolução ou seu adversario leal, protesta o cutello desce ou as prisões abrem-se e assim um sabre de policia nas mãos d'um bacharel vulgar flameja a degolar a imprensa, a censura previa revive ou de noite, na calada, com moia dusia de soldados e de marujos se vão buscar presos aos carceres e se mandam para Angra — um ergastulo — apesar de velhas solidariedades, exactamente como succedeu aos repontões anti-cabralistas dos *Camillos* e a alguns que ajudaram a dar o golpe d'estado cartista, que fizeram de Cabral tudo, o Monck engrandecedor de thronos, como o sr. Affonso Costa desejou ser o Cromwell porque o poder largo por detraz d'uma figura da republica é uma corôa para todas as ambições.

Em volta tambem os amigos, os apaniguados, os chegados d'honrem, sem nome, sem talento, sem altivez fazem muralha fundando a soberania do poder ás competencias inacessivel.

\*

(...)

[ Falta, porém, n'este quadro de tão seguros parallellos, entre o despota d'Algodres e o actual presidente do conselho, a figura honrada, veneranda de Terceira que lhe recusou o apoio dos seus galões na hora em que o homem mais se revelou.

Hombros dragonados d'ouro, espadas que mãos septuagenarias seguram, está ahí na bainha da reforma, a do sr. general Carvallhal cujas pescas no Tua tiveram uma presença angusta; está a do sr Rapozo Botelho que bebendo o seu caldo viu desmoronar-se um throno como se fosse d'assucar e lhe tentasse a gula e hoje, n'uma ironia garota da republica, é da defeza nacional; a do sr. Ferreira do Amaral que se não se matasse um rei ficaria sempre nos makavenkos como um espeto em vez de na historia como uma lamina embainhada. Não se pode dizer que nunca ninguem lhes tocou como na do duque da Terceira. O sr. Ferreira do Amaral, apoio do governo, não é bem um Terceira apesar de ter sido presidente do conselho e gran-cruz. Será quando muito um *Cesto*. Era d'elle que o *Mundo* em dez de fevereiro de 1908 dizia ao sabel-o no poder:

*«Do actual gabinete é presidente o sr. Ferreira do Amaral de cuja ultra escandalosa promoção a vice-almirante somos apenas os feis narradores. D'ella resultou — concém recordal-o — a duplicação esbanjadora do numero de vice-almirantes, os quaes, de dois que deviam ser se elevaram a quatro, existindo ainda tres na actualidade. E praticou-se este acto revoltante sem a minima utilidade para o serviço publico e com menoscabo evidente dos generaes de brigada que n'este posto marcam passo mais de sete annos não obstante n'elle serem muito mais antigos, comparativamente com o nepote sr. Amaral que por ventura dirá para os seus botões: Das almas grandes a nobreza é esta.»*

O nepote é hoje deputado, será amanhã senador, depois quem sabe, presidente da Camara, talvez chefe d'estado, se uma indigestão de molho de villão não lhe abreviar a existencia ou se o *affonsismo*, como o *cabralismo*, não fôr dentro em annos um pesadello esvaído.

Entretanto — como Costa Cabral — o presidente do conselho arrasta as suas hostes:

— Para a frente! . . . O rude beirão de Ceia vae para a frente!

E' ou não uma copia do seu conterraneo cercado todavia d'homens menos prestimosos do que elle teve?!

Sim que de Terceira ao sr. Ferreira do Amaral e de Tojal ao sr. Souza Junior, por exemplo, vae o abysmo que outro abysmo só pode encher: aquelle onde se aconta a mais singular indifferença da historia.

(. . .)

\*

O Poder é um pincaro tão elevado que não se ouvem lá os ruidos da planice e o resto dos homens parecem pontinhos na terra, manchasi-nhas movediças como quem olha rebanhos do topo do Jungfrau. Tudo chega lá transtornado pelas louvainhas de quem vae pela encosta para se approximar dos que mandam. Os officios dos governadores civis são

como cirios votivos, as notas dos regedores enadas de mau azeite em offerenda.

O politico geralmente não onve senão outros politicos e encolhe os hombros como ante as catalinarias dos jornaes. Metralha de palavras: balas de papel!

Costa Cabral teve contra si as opposições unidas com o seu jornal a *Coalisção* onde se pintava o estado nacional.

*«Ha no paiz muito homem que sabe lêr. Ha muito homem que sabe lêr mas não lê. Ha muito homem que lê mas não entende. Ha muito homem que lê e que entende mas que tem medo, que é vil como um porco, cobarde como um veado. Ha muito homem que vê as desgraças publicas mas não as quer remediar ou porque treme de susto ou porque ganha com a CARRAPATA. O Costa Cabral! . . . quantas vezes terás tu dito como Tiberio, vendo estes poltrões estes sanchos pansas da liberdade: O homens para a servidão feitos!...»*

O sr. Affonso Costa tambem tem contra elle os partidos coalisados; tambem tem o Senado dignamente batendo o pé á sua attitude de quem pretende vêr todas as espinhas dobradas. Mas não serão estes os principaes factores da sua queda irremediavel. *O homens feitos para a servidão!*

Consulte-se o paiz que fallará ainda baixinho, a medo; onçam-se as classes que em segredo dirão do seu sentir; palpíte-se a alma popular que devagar, por enquanto, se manifestará.

Os lavradores mais ricos de Portugal recordam-se ainda da forma como foram recebidas as suas reclamações na hora em que pretendiam arruinal-os. Aos seus ouvidos soam ainda os insultos, silvam as pedradas que a força publica não impediu mettida no meio d'essa anarchia da rua contra os opulentos.

Os proprietarios egualmente teem a lembrança da partilha dos doestos, das injurias e das sevicias e ainda, d'olhos pasmados, mal acreditam que no tempo do governo provisorio o actual chefe do gabinete lhes tivesse chamado simples detentores da propriedade.

Nasceu d'ahi um retraimento economico. Os que podiam dar trabalho aos operarios, fomentar as industrias, collocar seus capitaes ou rasgando a terra a procurar as minas, lançando-lhes a semente ou edificando, tiveram e continuam tendo medo de que quando quizerem reclamar do estado as suas atencões lhes atirem balas e pedras; que quando julgarem estar nas suas quintas, nas suas herdades, nos seus palacios venha de lá um ministro dizer-lhes a esfregar as mãos e com o mais mephistophelico dos sorrisos:

—Os cavalheiros são apenas detentores do que julgam ser seu. . . Querer fazer o favor de se pôr ao fresco?!. .

Diante d'isto immediatamente as classes populares começaram sofrendo e como o estado não tem onde as empregar, apesar das ballelas de renovamento, sentem-se todos os dias creanças batendo ás portas pedindo pão, homens a dizerem que quando no Terreiro do Paço queriam trabalho lhes davam cargas de cavallaria.

E então n'uma fila enorme, diariamente, com as suas malas, as suas trouxas, as mulheres, os filhinhos, sem uma saudade fogem dos campos e das cidades, n'um exodo egual ao dos povos largando ante as assolaradoras desvastações da peste ou das hostes ferinas d'um conquistador atrevido.

Em voltas desencontradas o sr. Affonso Costa tem uma situação egual á do dictador de 1846.

O outro protegendo os ricos descontentava os pobres a quem carregava de impostos; este nem a habilitade tem de conseguir a sympathia d'uma só classe. Não está nem com os opulentos nem com os famintos. Então está só! . . Não. Tem a clientella.

Estes são os punhaes que ferem o paiz na sua bolsa á qual o governo vae ainda pedir que se esvasie em nome do imposto barbaro lançado sobre uns como n'uma ancia d'empobrecer-os, sobre outros n'uma furia de os matar á fome.

E lentamente teem-se ido agglomerando nuvens das quaes estalará formidavel a tempestade.

•

Perguntem ao Minho pelo seu amor ao sr. Affonso Costa e, com o torcer raivoso e gracil d'a bocca das suas lindas mulheres, fallará d'elle como do anti-christo que lhe roubou a missinha e offendeu os senhores padres. O Douro, n'um rangido de dentes, mostrará as pipas do seu vinho loiro e doce paradas no fundo dos armazens porque aprouve ao chefe do gabinete que não sahisses do paiz rotuladas com as corôas reaes, as marcas secularmente lá fóra acreditadas. Traz-os-Montes, n'um berro dos seus fortes homens, clamará como o Minho. As Beiras — mesmo na villota onde o sr. Affonso Costa nasceu — sentem funda a colera ao verem os trabalhos paralyzados ante a abstenção dos ricos e assim a Extremadura e o Algarve bem como as populações ruraes alemtejanas sangrando ainda depois da sua grêve.

O lado material é assim. O lado moral é tão mau como elle.

•

Os conquistadores intelligentes teem sempre um grande cuidado em não offenderem as orenças dos povos conquistados. Os romanos tinham esse cuidado como os inglezes o tem. Os brutos vencedores como

os vandalos derruam tudo. A republica em Portugal, pela penna do sr. Affonso Costa, assemelhou-se aos ultimos quando teve a furia legislativa da separação da egreja do estado que offendendo o clero portuguez deixou todas as regalias ao estrangeiro.

Não é que o povo das cidades, como Lisboa e Porto, seja catholico ou simplesmente christão mas são-no as mulheres de certas camadas sociaes, são-no mesmo muitos homens e então pelas aldeias toda a gente pratica e crê. Pois os golpes foram atirados á tóa, n'aquella embriaguez do triumpho, e separando a egreja da forma porque o fez, o sr. Affonso Costa separou se d'uma grande parte do paiz.

Os ricos, os trabalhadores, os crentes e os sacerdotes pensam assim.

Como pensam os revolucionarios, os antigos companheiros do homem que está no poder?

De dentro das suas prisões d'Angra, d'Elvas, da Trafaria todos os dias o dizem. Bastam mesmo os seus gestos desde a subida ao poder do actual governo para se saber as suas opiniões com tanto estrondo como o que as bombas pelas suas mãos arremeçadas fizeram no paiz.

Os intellectuaes repelem-no. Não arranjou sem transigir um homem de valor para secretario geral da instrução publica; teve que dissolver o Conselho Superior que não se subordinou ás vontades risíveis do ministro amorpho que escolheu crivado ha dias de piadas por uma faculdade inteira.

E' exactamente a atmospherá cabralina nas vespéras das eleições de 1845.

Pode-se dizer que os patricios, os duros beirões se parecem.

Ambos com o intervallo de setenta annos, divorciados d'um paiz que apenas resmungava, então como hoje, apoiavam-se nas suas clientellas e iam para a frente levando como bandeira a audacia, contando com a hesitação das opposições. Um tinha a Camara Alta contra elle; o outro o Senado e ambos a honra abocanhada em pleno parlamento.

Offendida a crença e offendida a bolsa o Minho revolta se em 46. A Maria da Fonte nasceu e Portugal inteiro vibrou. A minhota alvejava lá do seu pincaro Costa Cabral, o anti-christo que tocara nas suas crenças, o audaz que a ameaçava com a penhora se não se desfizesse das suas arrecadas e dos seus grilhões para sustentar clientellas.

As opposições bateram palmas e disseram terem sido ellas quem fizera trambulhar o ministro e o paiz cantar o hymno que era uma expressão lyrica de revolta. Os minhotos d'escopeta nas unhas deviam ter outros brados mais naturaes. Não tinham sido os partidos quem demolira. Alguns agiram n'uma atmospherá creada.

1846—1914! Tenham as opposições as audacias dos Passos, de José Estevão, de Rodrigo, d'outros que gritavam:

Vida nova! Vida nova! . . .

N'esse dia o governo terá contados os seus dias.

E ella começará como outr'ora por abrir as cadeias, tornar rasoa-  
veis os impostos, tolerar as opiniões.

Os Cabraes fugiram para Hespanha.

Dizia-se, todavia, que nem toda a culpa fôra d'elles. O povo, porém,  
espírito simplista, como o chefe do governo chama ao sr. ministro da  
marinha, não queria saber de razões ante o alvo.

*Canem as searas os pães  
A culpa é dos Cabraes.*

E vae-se já dizendo em piada de revista ou de canção da rua:

*Se com este frio se arrosta  
A culpa é d'Affonso Costa.*

Os Cabraes iam fugindo para Hespanha. E as clientelas?!...

Vemos d'aquí o sorriso desdenhoso do chefe do governo por que não  
tem decerto illusões acerca do valor dos bandos que seguem homens-  
São como as gaivotas: á menor ressaca esvoejam para longe. Elle sabe  
como as approxinou como as chamou para si á excepção de meia duzia  
d'amigos ligados á sua sorte como partes do seu proprio corpo.

A atmosphera adensasse, O sr. Affonso Costa não a vê do seu pin-  
curo como quando em fevereiro de 1908, incommunicavel no Cabeço de  
Bolla, desesperado, e por isso escrevia:

*« Enquanto nos prendeu o goceao deu mostras de dois sentimentos para  
nós em certa medida lisoujeiros: que nos temia e que julgara o povo capaz  
de protestar immediatamente contra o encarceramento dos seus tribunos. Este  
ultimo juizo está escandalosamente destruido pelos factos, se estes se apre-  
ciarem pelo aspecto exterior, e assim o terror das nossas pessoas já tambem  
não tem razão de ser, embora erradamente se pensasse de que por maiores  
que fossem os nossos esforços poderiamos galcanisar um cadaver. »*

Que fraca visão a d'este estadista. A 5 de fevereiro escrevia esta  
desesperança. Em 2 tinha sido assassinado D. Carlos. O povo, pela mais  
repellente das formas, vingara o seu descrente tribuno, o homem de  
visão curta, o ministro d'hoje.

O velho Costa Cabral já velhinho, com a gotta a tortural-o, ouviu  
uma vez em sua casa tocar no piano alguma cousa que lho chamou a  
attenção. Foi vagarosamente até á sala onde os rapazes e as senhoras  
da familia se divertiam. Ao vêrem-n'o paralyzaram-se, o piano calou-se,

— Que estavam tocando?!...

Houve um pesado silencio e elle tornou com a mesma testuda maneira de sempre: O que era?!

Uma vosinha de creança balbuciou a medo: A Maria da Fonte.

Era toda a sua mocidade, todo o seu poder desfeitos. Com um sorriso o velho politico vencido, disse:

— Pois é bem bonito!...

E foi-se a abanar a cabeça sentindo que apesar de tudo, não fôra o **HOMEM** necessario ao seu paiz.

O sr. Affonso Costa, tão seu semelhante, ainda menos o pode ser porque enveredou por mau caminho: poz todo o Portugal contra si!

E' apenas mais um beirão duro que passa ophemeraente às cabriolas na Historia.



4

# O JACOBINO

Romance d'actualidade

de

Rocha Martins

É posto brevemente á venda